

A AMIGA DA PAZ.

PERIODICO POLITICO.

Publicar-se-ha duas vezes por mez: distribue-se gratuitamente ás pessoas pobres que souberem lêr e que recebel-o na typographia onde é impresso. Aceita-se assignaturas; ficando a arbitrio a importancia, que não excederá de 23000 reis por trimestre ou serie de 6 numeros.

A redacção só se responsabilisa pelos artigos de fundo.

Anno II.

Theresina 20 de Outubro de 1869.

Numero 28

Transcripção.

○ Rei e o partido liberal.

(Continuação do n. 27.)

O ministerio Furtado arcou com enormes difficuldades. Achan-do o paiz completamente desprevenido, sem exercito, sem ar-mamento, e em uma palavra, sem recursos, com tal energia e boa vontade procedeu que nada faltou á campanha gigantesca que começou.

Com a mesma dedicação, com o mesmo denodo, e arrostan-do as maiores difficuldades, os ministerios que se seguiram até o 16 de julho de 1868, procederam.

E sob a influencia do partido liberal, o Brazil pôde crear um exercito e uma esquadra respeitaveis, que souberam, sabem, e saberão manter illesa a dignidade nacional.

O exercito porém, assustava o Rei: Osorio, typo de valentia e de patriotismo, ganhava terreno na estima, consideração e gratidão do paiz: o exercito o adorava, como ainda o adora.

Era mister ir preparando as cousas de modo a tirar dos libe-raes a gloria que já lhes não podia ser negada, predominio que já se antolhava inevitavel.

Era indispensavel dar aos conservadores quanto os liberaes tinham produzido, até com prejuizo de sua popularidade na-tural.

E o Rei impôz ao ultimo gabinete liberalo marquez de Caxias para commandar o exercito! Não era nem a sciencia, e pericia militar que se queria, não era um director consumma-do na pratica da guerra o que se pretendia; era sômente um chefe conservador que se buscava para andazmente esbulhar os liberaes das glorias que deveriam só a elles pertencer!

E esse chefe conservador, apenas habilitado com a farda que tinha de tenente general, se achou no marquez de Caxias, hoje duque, por haver abandonado seu posto, como abandonára as armas de que hoje dispõe Lopes para fuzilar os soldados bra-zileiros.

Tal imposição foi portanto um plano politico para a subida dos conservadores:

E a accepção de tal imposição um erro fatal do gabinete liberal, que assim se deixou mystificar; erro, cujas consequen-cias lhe amarguraram horriavelmente a existencia.

Mas, o que esse ministerio não pôde conseguir, decretou-o a providencia: o exercito brasileiro hoje odeia Caxias. A ine-pcia que manifestára, a indecente affilhadagem que creou, a sua sahida ingrata dos campos da guerra, a fuga de sua barra-ca sem nem si quer dirigir uma palavra lisongeira aos bene-meritos soldados, q' elle tantas vezes sacrificou por sua ignorancia, tudo enfim conspirou para que o grande general, o impor-tante e prestigioso chefe, o homem enfim que até conseguira fazer-se temido do Rei, despisse na praça publica toda a luzi-dia roupagem de que o haviam adornado, para que aos olhos do paiz, aos olhos do mundo fique, como ficou, exposto para sempre o esqueleto do homem, abaixo de mediocre, e cuja as-censão só se pôde explicar pelos caprichos com que praz á sorte divertir-se com a misera humanidade.

Ainda outros erros commetteu o gabinete liberal, porque ainda a outras impertinentes imposições do Rei accedeu, em vez de entregar-lhe as pastas para que os seus subservientes e devotos o satisfizessem.

Justiça, porém, seja feita a esse gabinete. Suas intenções eram boas, e as extraordinarias circumstancias do paiz, bem

como as latentes disposições do Rei, tiveram força de mais em seu espirito para resignar-se ás condições que occurriam.

Por um lado os inconvenientes que uma mudança na direcção da guerra podiam produzir; por outro, a reacção conserva-dora que se preparava, tudo enfim os convenceu de que con-vinha a sua sustentação no poder.

A pezar destas considerações, foi um erro, e um erro de consequencias funestas.

E dessa condescendencia mal calculada o Rei abusou ainda impondo mais as nomeações de 4 conservadores para o conse-lho de Estado, com exclusão de distinctos liberaes que alli lhe podiam dizer a verdade, e não encobrir as faltas que de ordinario commette, e que tem sempre amparado sob a protecção dessa monstruosa criação, inconstitucionalmente estabe-lecida.

Taes nomeações foram outros tantos erros graves que com-metteu esse ministerio, como hoje já elle proprio estará con-vencido. Creou com isso tantos calumniadores e ingratos, tau-tos inimigos ousados e inconscienciosos do partido liberal, quantos são os conservadores que se *resignaram* a receber *graça* de um ministerio liberal.

Em tudo isto a insidia, em tudo isto a má fé! Os factos que se succederam o confirmam.

Na convicção do paiz, e na do proprio Rei estava, que a guerra tocava em julho de 1868 ao seu termo.

Convinha neste caso, e quando se daria a possibilidade de realizar as indispensaveis reformas liberaes, e assim fazer tri-umphar boa somma de principios democraticos, que se tornas-se impossivel esse triumpho, armando os *homens da ordem*, do poder necessario para aniquillar a quantos professam esses principios.

O Rei, porém, apparentando generosidade por Salles Torres Homem, a quem logo depois tractou com desdem por interme-dio de seus creados vitalicios, offereceu combate ao ministerio, e *livremente* o demittiu, como *livremente* o substituiu por gente sua, pondo á testa dos negocios o visconde de Itaboraahy, acompanhando, para maior garantia de accção, de dous transfu-gas que necessitavam justificar-se de seus passados *crimes*, e lavar-se das indeleveis marcas liberaes que conservavam im-pressas no rosto.

E' o gabinete de 16 de julho!

A grande maioria da camara em favor do ministerio liberal; a grande coadjuvação dessa camara para os empenhos da guerra, nada bastou para demover o Rei de seu plano.

Elle queria que as glorias da paz coubessem ao seu parti-do, emquanto que as odiosidades, e os trabalhos insanos da guerra foram supportados pelos liberaes.

Elle queria que acabada a guerra o exercito em disponibili-dade ficasse á discreção dos reactores antiliberaes.

Com a paz se começaria a tractar seriamente dos negocios internos do paiz, e elle comprehendia que a nação lhe toma-ria severas contas por tanto sangue derramado, por tantos sacrificios pecuniarios feitos, por tanto esbanjamento; e que essas contas com os liberaes no poder seriam mais rigoro-samente tomadas.

Taes foram as rasões que actuaram no animo do Rei para demittir o ministerio Zacarias, e substitui-lo pelo famoso do Itaboraahy.

Apenas tomou este as redeas do governo, a reacção a mais infrene, a perseguição a mais cynica, a negação da verdade a mais estupenda, as offensas da lei as mais escandalosas, tudo foi posto em accção.

Nove dignos senadores do imperio já manifestaram ao paiz os escandalos, os crimes que essa facção que governa sob os instinctos do Rei tem praticado; e o fizeram com provas officiaes irrecusaveis.

Emquanto que ao ministerio liberal, todas as duvidas, todas

as delongas, todos os adiamentos, toda a repugnancia, se oppunha ao que elle entendia dever fazer; ao de 16 de julho, que lhe succedeu, tudo sem excepção, sem adiamentos, sem repugnancia tem sido facilitado e permittido.

Desde Itaboraé e S. Lourenço, até os barbaros assassinos, os prevaricadores e fessos, os homens da mais baixa esphera, tudo foi cuidadosamente aproveitado para ser empregado na grande obra do dominio liberal: 5 mezes bastaram de poder para não se fazer mais um liberal empregado, para se praticarem as tropelias e horrores que se presenciaram em Pernambuco, Ceará, S. Paulo, Parahyba, e outras provincias.

Uma camara unanime, e composta em grande parte de parentes e afins dos ministros, de agenciadores de negocios, aspirantes de empregos publicos, e jornalistas mercenarios que durante o governo liberal serviram em diversos logares do paiz, de cães de fila, que os energumenos da Corte lançaram sobre os mais notaveis liberaes, foi com escarneo aos brics da nação designada, e é a que funciona.

E o Rei protege taes desmandos, e não se oppõe a todas essas inconveniencias!

Attenda o paiz para os factos que se seguem e avalie a insidia.

Uma medida de summa ponderação, reclamada por nosso proprio interesse; exigida pela civilização a que nos devemos elevar, prescripta pela humanidade, e já quasi que imposta pelas nações amigas, é, de ha muito, reclamada dos poderes do Estado.

Esforços se tem feito no estrangeiro para a realização do grande desideratum — a emancipação dos escravos no Brazil.

Associações se acham creadas com esse fim e o Rei está ao facto disso.

Infelizmente o interesse material tem superado até hoje o interesse moral. O lucro sordido pelo escravo, tem abafado até certo ponto o grito da consciencia e do dever.

Os conservadores, porém, que são os mesmos que subiram e enriqueceram á custa da introdução criminosa de africanos no Brazil, ainda depois de solemnes tractados celebrados, e depois até de promulgadas leis expressas da abolição da escravatura, tem por isso sua popularidade entre os escravistas, até o presente a mantem, porque é do escravista que lhes vem importancia, e meios de acção.

Os conservadores não admittem que se tracte com o devido desinteresse e energia dessa materia; e para manter-se procuram entorpecer qualquer disposição que favoravel á emancipação se manifesta.

Outrora, forçados e humilhados pelo governo inglez, fingiram-se emancipadores, ou antes apparentaram reprovação á continução do trafico de carne humana.

Pararam é verdade nesse negocio torpe; pararam porque os cruzeiros inglezes eram-lhes um impedimento invencivel; mas descansaram quanto ao mais, e procuram desfructar tão longamente quanto lhes fór permittido o lucro criminoso que desse trafico colhem.

Collocar, pois, os conservadores á frente da cruzada emancipadora, provando ao paiz que essa idéa deve ser adoptada e sem adiamento indefinido, seria matá-los, seria aniquillar para sempre o partido retrogrado, o do *direito divino*.

E o Rei não desejava aniquillar o seu partido. Entretanto correspondia-se elle, (directamente!!!) com associados no estrangeiro, encarregados dessa humanitaria missão; promettia-lhes a sua grande coadjuvação, e o seu poder, em prol dessa causa digna. Era pois necessario manifestar sinceridade de suas promessas.

Emquanto os conservadores foram ostensivamente poder, nem palavra proferiu o governo por bem dessa causa nobre. A popularidade desse partido não devia esmorecer.

Apenas, porém, os liberaes foram admittidos ao ministerio, atrá-los no terreno que cautelosamente evitavam os conservadores, expôr o partido liberal ás odiosidades dos possuidores de escravos, era mais um serviço que se fazia para firmar o partido adverso.

Appareceu o Rei então antiescravista, e os liberaes que formavam o gabinete, sem que fizessem sacrificio da accitação dessa idéa, que era sua, appresentaram-na na primeira falla do throno ao parlamento.

O paiz, como o estrangeiro, ficou sabendo que no Brazil essa vontade, esse ponto essencial do programma do partido liberal era considerado, e ia ter desenvolvimento e effeito.

Dahi veio a disposição que manifestou a Inglaterra para revogação do insolente bill que nos aviltava.

A guerra do Paraguay, porém, obstava a realização de quanto internamente nos podia interessar no sentido liberal.

Continuou, entretanto, a mesma idéa, o mesmo proposito a ser lembrado nas fallas do throno; e a Europa descansava na sinceridade de tal manifestação.

Mudado porém, o ministerio liberal, e substituido pelo actual, conservador de *direito divino*, o qual é presidido pela mais importante personagem, entre os retrogrados, protector dos escravistas, por isso que os interesses da sua familia assim o determinam; o Rei mudou de rumo, em questão que até sua palavra de honra se achava empenhada; e com a mais notavel surpresa do paiz, e desgostante irrisão do estrangeiro, risca do novo programma da administração a grandiosa idéa liberal, e a supprime no discurso com que abriu este anno o parlamento!!!

Dirá alguém que o Rei passou pelas forcas caudinas do partido conservador.

Não é exacto. Elle com isso mostrou que é cego na protecção do seu partido, e que para sustentá-lo e sustentar-se, não recua nem deante de um acto semelhante.

Suppoz que aniquilava os liberaes expondo-os á animadversão dos numerosos possuidores de escravos, e insistiu assim pela idéa. Convenceu-se de que firmava o seu poder mantendo a popularidade de sua creadagem, e do partido absolutista, e desistiu della.

Si sinceramente ou não, o tempo o dirá.

Quiz abalar o credito dos liberaes ante o paiz, que ainda conta milhares de escravos; enganou-se porém.

Quiz firmar, calcando esse sentimento de dignidade humana, o poder de seus affeicoados, da sua velha guarda, enganou-se ainda. O tempo o convencerá disto.

Assim, pois, se conhece que o Rei para com o partido liberal tem sempre guardado a mesma sinceridade.

E' mister ainda uma prova? Ei-la, e convincente.

Elle que preparou, elle só, a guerra do Rio da Prata e do Paraguay, elle que a fez arrebentar quando os liberaes se achavam no ministerio, elle que travou lucta de morte contra Lopes, e que envolvendo o seu capricho com a dignidade nacional, acoroçoava de modo claro e decisivo o levantamento de tropa, e para isto o recrutamento, a designação da guarda nacional, a marcha forçada dos corpos de policia provinciaes, etc: elle que exigia dos ministros, dos presidentes, dos commandantes da guarda nacional e mais auctoridades a prompta e expedita remessa de gente para reforçar o exercito, *custasse o que custasse*, (são suas expressões); foi elle mesmo quem logo que subiu o partido conservador, entregou-lhe em refens, e para serem as primeiras victimas da reacção, os cidadãos mais notaveis das diversas localidades, e que acabavam de prestar relevantissimos serviços á guerra, e que mais se haviam sacrificado para satisfazer a constante e quasi que impertinente exigencia do Rei!

E esses cidadãos, cujos serviços o mesmo Rei havia reconhecido, attestando authenticamente o seu reconhecimento com os titulos, e condecorações com que os distinguiu, foram em seguida, e por decretos firmados pelo mesmo Rei, destituídos, reformados, suspensos dos cargos que tinham, e (o que é atroz!) grande parte delles perseguidos, levados ás prisões, desfeiteados pelos conservadores, que tudo quizeram avassallar, para conseguir uma camara unanime e que approvasse os disparates, os crimes commettidos quer contra a honra, a segurança, a vida do cidadão, quer contra o thesouro publico nacional.

Seria elle constitucional procedendo assim?

Desses actos só os ministros ficaram responsaveis?

Irrisão, escarneo!

Quem não sabe no Brazil que o Rei é tudo, que em tudo se envolve, que dirige directamente até os operarios dos arsenaes, que enfim até se occupa, obsta, ou despacha continuos de repartições, como os altos funcionarios publicos!

O Rei tem sido sempre o mesmo nas suas relações com o partido liberal.

Continuará elle no seu proposito?

Por elle respondeu ha poucos dias um de seus mais fieis vassallos, eleito senador sob a actual reacção conservadora, promptamente escolhido, e já com assento na casa do parlamento onde a oligarchia tem o seu reinado.

Sayão Lobato, o senador absolutista, amigo do Rei, e seu audaz sustentador, affirmára ha dias no senado que o Rei governava por direito proprio e não por delegação; que exercia por si, sem responsabilidade, e independente de referenda todas as attribuições do poder moderador; repellira enfim o dogma da soberania nacional!

Em presença de tão audaciosas declarações, e de ameaça tão explicita o que póde o partido liberal esperar do 2.º reinado?

Sobre este 2.º reinado, exprimiu-se Landulpho o eximio e leal patriota, do seguinte modo:

« O 2.º reinado nada fundou ainda; sua obra tem sido a reacção incessante, pertinaz contra as conquistas liberaes. Abre-lhe a carreira a lei de 3 de Dezembro de 1844, cujo influxo

domina todo o longo periodo... Parece que a sua missão é destruir....

« A historia dirá que este periodo se assignala pela descrença, pelo desanimo que soube lançar nos espiritos ainda os mais energicos, pela corrupção que soube innocular nos costumes publicos, e que foi seu instrumento e sua unica habilitade. »

Entre outras considerações que esse illustre liberal de sempre saudosa memoria escreveu, algumas se leem, que parece terem sido lançadas a ouvir as palavras descompassadas de Sayão Lobato, e a que antes nos referimos.

Escrevêra Landulpho ainda:

« Podem os cortezãos, podem os adulares dar freneticos vivas ao poder absoluto, ao Rei podem pedir que governe só o Rei, podem até da tribuna assignalar a um dos poderes do Estado origem superior e independente da soberania nacional: dizem já sem rebuço que a monarchia é anterior e superior á soberania do povo; dizem-o com a maior solemnidade, e o dizem impunemente.

« E si alguém dissesse simplesmente « viva a republica » seria um sedicioso, um inimigo da ordem publica, e a mão da policia não se faria esperar para lançá-lo em segura prisão. »

Isto escrevia elle ha muitos annos, e entretanto parece que o escreveu hontem! E porque?

Porque o Rei, como o seu partido predilecto, *absolutamente conservadores*, são sempre os mesmos.

Presentemente emquanto os liberaes soffrem inaudito atropello em seus direitos, os dominadores folgam e riem, supõem-se seguros para sempre.

Como se enganam!

O senador Nabuco de Araujo, um dos poucos defensores das idéas liberaes, que conta já o senado, concluiu o seu brilhante, energico e monumental discurso em resposta victoriosa, e esplendida ao energumeno conservador a que ácima nos referimos, com as seguintes graves palavras, e que envolvem uma profecia que se realisarã sem duvida:

« A historia nos diz que ha tempos em que os povos vêem risonhos e indifferentes caminhar seus parlamentos para o exilio; mas acordando do lethargo destroem as Bastilhas que personificam o despotismo. »

O povo brasileiro acordará do lethargo em que tem jazido. De tres hypotheses seguintes uma se realisarã, disse-o um dos mais notaveis jornalistas contemporaneos:

« Ou os mercadores hão de fugir do templo que estão profanando:

« Ou se hão de converter á verdadeira religião nacional:

« Ou a incontestavel e sancta omnipotencia da nação ha de arrasar o profanado templo com o fim de reedificá-lo em terreno purificado e sancto. »

Cumpra o partido liberal o seu dever.

Sirva-lhe a experiencia dolorosa que tem tido de lição bastante para não continuar a ser mystificado.

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1869.

Communicado.

Livah de Independencia, 2 de Ramadhan de 1869.

Illm. Sr. Redactor do « Amigo do Povo ». —

Caligula, esse tyranno da antiga Roma, desejava, segundo refere a historia, que o povo romano tivesse uma só cabeça, para decepal-a de um golpe. O sultão Mahmoud II—terá tambem esse desejo para com os pobres gregos?

Avista das atrocidades, violencias, perseguições, desordens, abusos, martyrios, canibalismo, e toda sorte de desatinos, praticados em grande escala com os pobres gregos, desde o fatal 16 de julho—que é só o que parece.

E se o povo romano desejasse, tambem, que o tyranno Caligula tivesse muitas cabeças, para decepalas com muitos golpes por seus mil braços, qual dos dois desejos se devia realisar?

Ninguem dirá que o do tyranno; e pelo contrario, todos, *una voce*, deverão dizer que o do povo.

O do povo sim, por que a cabeça de um povo nunca será tão má e fatal, como muitas cabeças de um tyranno; alem d'isso é mais facil a um povo decepar as mil cabeças do tyranno,—do que o tyranno a só cabeça do povo.

Maximiliano talvez que tivesse o louco desejo de cortar a cabeça do povo mexicano; mas o povo mexicano foi que cortou a sua, e assim a tantos outros tem acontecido.

Desenganem-se pois as testas coroadas, que não é pela tyrannia e despotismo que se hão de manter no governo:

Isabel d'Espanha deve estar hoje bem convencida desta verdade. (1)

O povo é fraco, mas é numeroso, e quando cansa de suportar o jugo da tyrannia, ergue-se e mais furioso que o tufão—arroja-se sobre o tyranno e o esmaga. Quantos tyrannos não tem sido esmagados pelo povo, e quantos não serão ainda! Não ha povo, por mais ignorante que seja, que não aborreça ao tyranno nem deteste a tyrannia.

Que os gregos aborrecem ao tyranno e detestão a tyrannia, está demonstrado.

Um Grego.

A pedido.

Os compadres.

CUECAS.—Estimei muito vel-o, compadre, para decifrar um enigma.

ELOQUENTE.—Estou ás suas ordens.

CUECAS.—Ly no « Liberal » n.º 34 um... um... diabo de cabeça! diga vossê, compadre, que entende dessas cousas...

ELOQUENTE.—Um artigo.

CUECAS.—Isso mesmo, um artigo assignado Procopio José Ferreira: desêjo saber para quem foi talhada essa carapuça.

ELOQUENTE.—Ainda não vi isso; tem ahi a folha?

CUECAS.—Sim tenho,—e vou buscá-la.

ELOQUENTE.—Recebendo a folha lê—« A pessoa que tem querido convencêr ao Sr. Dr. chefe de policia, de que eu sou bebado, deixe-se de andar abusando da bondade da segunda autoridade da provincia; tire a mascara e faça-las suas revelações ás claras, sob pena de ser tido e havido, pelo mesmo Sr. Dr. como um vil e abjecto calumniador, que talvez esteja atirando sobre os outros os seus defeitos, ou dos seus. »

CUECAS.—Que tal a pitada?

ELOQUENTE.—E' bôa e pertence-me; que atrevimento; botar-me em folhas quando aqui tudo posso; porem eu tirarei uma desforra do tal pat...!

CUECAS.—Eu faria-me desaperebido para não dar a conhecer pertencer-me o tal escripto.

ELOQUENTE.—Qual historia, se já está vulgarisado; e de mais, quando estive na Theresina lembrei-me pedir ao Dr. chefe de policia a demissão do cargo

(1) Praza Deos que o sultão, Mahmoud II, se convença tambem.

de subdelegado d'aquelle pat..., que pessimamente cumpre seu dever, e o resultado foi o chefe passar-me uma descalçada terrivel! A mim que suppunha-me com direito a maiores exigencias.

CUECAS.—E' a ordem das cousas, compadre, console-se.

ELOQUENTE.—Tenho o que fazer: adeos.

CUECAS.—Em que vive vossê tão entretido que o vejo sempre às pressas?

ELOQUENTE.—Occupo-me dia e noite em fazer correspondencias: as columnas do «Piahy» não chegam para publicar tudo quanto tenho escripto.

CUECAS.—Mesmo em formato maior como está agora?

ELOQUENTE.—Ainda assim: só um Times me satisfaria.

Adeos.

União 12 de outubro de 1869.

Parte Noticiosa.

Grande crime. — Comunicação-nos o seguinte lastimoso facto:

« Apareceu no mez de setembro findo, na fazenda—Catharens—termo de S. Gonçalo, um individuo que dizem chamar-se Raimundo de Farias, com uma menina semi-branca, filha de um cego do termo de Oeiras, que roubára na occasião que ella se dirigia a dar agua a um cavallo, que tambem foi furtado por Farias. Este homem não se separava, um só momento, de junto da menina, e nem consentia que ella conversasse com pessoa alguma.

« Dias depois desapareceu com a menina; e constando tel-a assassinado, verificou-se isso com effeito, por ter sido o cadaver desta encontrado por uns vaqueiros no lugar—Affonso—pasto d'aquella fazenda, com signaes de arranhões e ferimentos feitos com ponta de faca. »

Scena barbara.—Vio-se um dia destes, na praça Saraiva, um homem montado a cavallo e conduzindo um outro homem amarrado á cauda do animal!

A victima ia quasi de rastos, e levava algemas, com as quaes, em seu desespero, procurava quebrar a cabeça, para dest'arte acabar com a vida que se lhe tornára insupportavel!

Os curiosos aglomerarão-se na praça, para presenciar a scena. Houve riso alvar da maior parte, estupidez ou criminosa indifferença; rara indignação; . . . o choro de uma menina de cor . . . prota, nimamente sensibilizada e tomada de horror!

O infeliz que se achava algemado, e preso além disso á cauda do cavallo,—era um . . . escravo.

A policia devêra . . . Mas não! As leis, as *sabias leis* deste imperio bragantino admittem horrores d'aquella natureza!

O jornal official. — O «Moniteur» do velho Theotônio, em seu n. 106, de 15 do corrente, sob a epigraphe—Repartição da Policia—diz que

Alexandrina Maria Gonçalves foi recolhida á cadeia por embriaguez, a 4 do corrente, por ordem do subdelegado do 1.º districto.

Informão-nos que se fez corpo de delicto em Rosa Lina Maria do Nascimento. Se é certo, pedimos que nos decifrem este enigma: quem deu 6 facadas na pobre mulher que foi recolhida á santa casa de misericordia, conforme noticiamos a 9 do corrente em o n.º 26 do nosso periodico?

Alexandrina Maria Gonçalves—*só offendeu a um pouco de—liquido alchoolico?*

Será bom que a gente da policia não desdenhe tanto da opinião publica; que o jornal official seja mais serio; que o promotor publico não gaste todo o seu tempo no toucador, e em ajaezar-se para as *soirées* do SENFIM.

Entrada furtiva.—A 14 do corrente, as 5 1/2 horas da tarde, o vice presidente Theotônio de Souza Mendes, acompanhado do director dos educandos artifices, de mais dois senhores e dos seus ordenanças,—entrou furtivamente no quintal do Sr. Candido de Freitas e Souza, official de marceneiro, morador na rua de S. José desta cidade, á pretexto de examinar o lado exterior de uma parede do muro da casa de educandos que fica contigua a do Sr. Candido.

Para semelhante gentileza, deitou-se abaixo um pedaço da cerca que fecha o fundo do referido quintal que fôra então *officialmente* invadido!

O dono da casa não estava; mas, uma mulher que elle tem em sua companhia ralhou asperamente com o travesso presidente!

Este esgueirou-se a final, dizendo ao director dos educandos; « Olhe, a mulher está fallando; vamos embora: provavelmente ella não sabe que é o presidente da provincia que está aqui. »

A cerca foi depois disso amarrada com cordões e muito mal concertada.

E' preciso que o Sr. Theotônio tenha mais escrupulos: é bom não repetir novo assalto á casa do cidadão.

Cuidado com sigo! E' conveniente não abusar tanto do elevado cargo que occupa.

Baile—Houve um no dia 17 do corrente, em casa de Mr. *Senfim de Silim*, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario dos *cavalllos espaduados*.

Lembramos a S. *Exc.* que fôra mais proprio o seu baile—a 15 ou a 19 do corrente; por serem dias de gala no Rio de Janeiro.

Estrangeiro entre os brasileiros, por ter vindo da **CONTRA COSTA DO PEGASO**, S. *Exc.* tomou muito ao pé da letra a censura que outro dia fizemos ao seu baile de 24 de setembro: aquelles 2 dias de gala não estão no mesmo caso do *anniversario da morte de Pedro I.* O illustre *diplomata* mande ver um almanach, para guiar-se nessas cousas: do modo por que se tem conduzido, em materia de *etiquetas*, parece que seria mais proprio para magarefe do que para *mestre de ceremonias*.